



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**GRUPOS DE DISCUSSÃO SOBRE MASCULINIDADES:
UMA ANÁLISE SOBRE HEGEMONIA E BRANQUITUDE EM PERFIS DO
INSTAGRAM**

KAIO DE ARAÚJO BEZERRA

NATAL/RN

2022

KAIO DE ARAÚJO BEZERRA

**GRUPOS DE DISCUSSÃO SOBRE MASCULINIDADES:
UMA ANÁLISE SOBRE HEGEMONIA E BRANQUITUDE EM PERFIS DO
INSTAGRAM**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel no Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Meirinho

NATAL/RN

2022

KAIO DE ARAÚJO BEZERRA

**GRUPOS DE DISCUSSÃO SOBRE MASCULINIDADES:
UMA ANÁLISE SOBRE HEGEMONIA E BRANQUITUDE EM PERFIS DO
INSTAGRAM**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel no Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Meirinho

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Rodrigo Meirinho de Souza
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr^a. Marcela Costa da Cunha Chacel
Membro examinador

Prof. Dr. Rodrigo Almeida Ferreira
Membro examinador

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes -
CCHLA

Bezerra, Kaio de Araújo.

Grupos de discussão sobre masculinidades: uma análise sobre hegemonia e branquitude em perfis do Instagram / Kaio de Araújo Bezerra. - Natal, 2022.

44f.: il. color.

Monografia (graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Rodrigo Meirinho de Souza.

1. Masculinidades - Monografia. 2. Branquitude - Monografia.
3. Masculinidades hegemônicas - Monografia. 4. Grupos de discussão - Monografia. I. Souza, Daniel Rodrigo Meirinho de.
II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU *****

AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer à professora Marcela, que desde o momento em que tive a oportunidade de ser seu aluno, recebi apoio e incentivo de diversas formas para continuar tendo forças pra estudar, e produzir conhecimento, além de toda a amizade, que foi construída com muito zelo e carinho.

Quero agradecer também ao meu orientador, Daniel, que me estimulou a estudar sobre masculinidade, principalmente após eu frequentar o grupo de discussão chamado “Projeto Nós”, em que ele ajudou a promover dentro da UFRN junto com o seu criador, Felipe Peres, ambiente que fortaleceu ainda mais minha vontade de aprender sobre gênero e masculinidade.

Agradeço também a minha família, meu irmão, minha mãe, e minha cunhada, os quais me deram suporte e ajuda de várias formas e em inúmeros momentos durante todo o percurso da graduação, tanto por meio do afeto, do cuidado, do companheirismo, como também em momentos em que precisei ser chamado atenção, obrigado por serem tão presentes.

Por fim, quero agradecer a todos os meus amigos, os quais me ajudaram, me ouviram e me encorajaram quando encontrei desafios ao longo deste trajeto, mas sou grato especialmente aos meus amigos de Parys, os quais foram extremamente presentes durante todos esses anos, cada um com suas características que me conquistaram ao ponto de carregar todos no coração hoje em dia, tornando-se pessoas das quais nunca esquecerei e que são fundamentais para eu ter me tornado o indivíduo que sou hoje, obrigado a todos.

RESUMO

As masculinidades têm sido uma temática cada vez mais discutida pela sociedade, envolvendo questões de gênero, sexualidade e raça, desenvolvendo espaços elaborados para esses diálogos, como os grupos de discussão sobre masculinidade existentes em todo o Brasil, os quais utilizam também mídias sociais como ferramenta para promover um debate. Por meio dos trabalhos de estudiosos nas áreas de gênero, sexualidade e raça, foi possível entender como as masculinidades são elaboradas na sociedade, promovendo práticas sociais e expectativas diferentes de acordo com o recorte social em que o indivíduo está incluso, construindo assim masculinidades hegemônicas (homem, hétero, branco, cisgênero), tidas como dominantes, ao mesmo tempo que estabelece a subordinação de outros grupos. Sendo assim, por meio da análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2000), foram selecionados oito publicações entre três perfis diferentes, que debatem masculinidade dentro da plataforma Instagram, para analisar como as discussões acerca da branquitude estão sendo colocadas por esses grupos.

Palavras-chave: Masculinidades; Branquitude; Masculinidades hegemônicas; Grupos de discussão.

ABSTRACT

Masculinities have been an issue increasingly discussed by society, involving matters of gender, sexuality and race, developing more elaborate spaces for these debates, such as the masculinity discussing groups existing throughout Brazil, which also use social media as a tool to promote an even greater dialogue. Through the work of scholars in the areas of gender and race, it was possible to understand how masculinities are elaborated in society, promoting different social practices and expectations according to the social context in which the individual is included, thus building hegemonic masculinities (man, straight, white, cisgender), which promotes their domination, while establishing the subordination of other groups. Thus, through the content analysis developed by Bardin (2000), eight publications were selected from three different profiles, which debate masculinity within the Instagram platform, to analyze how the discussions about whiteness are being placed by these groups.

Key-words: Masculinities; Whiteness; Hegemonic masculinities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Print de publicação à esquerda acompanhado da legenda à direita.....	29
Figura 2 - Print de publicação à esquerda acompanhado da legenda à direita.....	30
Figura 3 - Print de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.....	32
Figura 4 - <i>Print</i> de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.....	33
Figura 5 - <i>Print</i> de publicação.....	33
Figura 6 - Texto da legenda do post.....	34
Figura 7 - Print de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.....	36
Figura 8 - Print de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.....	37
Figura 9 - Print de publicação em carrossel.....	37
Figura 10 - Texto da legenda do post.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE.....	9
2.1	A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES.....	13
2.1.1	Masculinidade Hegemônica.....	15
2.1.2	Masculinidade Subordinada.....	16
2.1.3	Masculinidade Marginalizada.....	17
2.1.4	Masculinidade Cúmplice.....	18
2.2	LUTAS CONTRA A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA MASCULINIDADE: PODER E HEGEMONIA.....	18
3	MASCULINIDADE E BRANQUITUDE.....	23
4	METODOLOGIA.....	27
5	ANÁLISES.....	29
	5.1 MASCULINIDADE SAUDÁVEL - CONTEÚDO SELECIONADO.....	29
5.1.1	Análise do conteúdo.....	30
5.2	ANÁLISE MASCULINIDADE NEGRA - CONTEÚDO SELECIONADO...	32
5.2.1	Análise do conteúdo.....	34
5.3	ANÁLISE MEMOH - CONTEÚDO SELECIONADO.....	36
5.3.1	Análise do Conteúdo.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

As masculinidades têm funcionado na sociedade como um sistema opressor, promovendo a exaltação de um pequeno grupo, o qual performa características tidas como hegemônicas de acordo com o época e cultura de determinada localidade, enquanto elabora a subordinação e a violência contra todos os outros grupos que não correspondem ao ideal hegemônico.

Porém, com a disseminação dos debates sobre gênero dentro da sociedade, foi-se compreendendo os mecanismos utilizados para construir as opressões sobre os grupos subordinados, visando o desenvolvimento de soluções para tais problemáticas. Dentre elas estão os grupos de discussão sobre masculinidade, que debatem essa temática com um conjunto de homens, que buscam por formas mais saudáveis de exercerem suas masculinidades, por exemplo o Projeto Nós o qual iniciou suas atividades dentro da UFRN, e que foi de grande importância para a criação deste trabalho, tendo em vista que expandiu o debate sobre o tema tanto dentro como fora da academia, já que o grupo era constituído de pessoas de diversos setores diferentes, as quais não necessariamente possuíam vínculo com a universidade.

No entanto, é importante questionar o que é pautado dentro desses espaços, pois acreditamos que muitos grupos de discussão não promovem ambientes plurais, fazendo com que os diálogos girem em torno da hegemonia masculina branca, deixando outras diversas questões de lado, principalmente aquelas referentes as minorias.

Sendo assim este trabalho analisará, a partir de conteúdos publicados no Instagram, como tais diálogos são realizadas por esses grupos, tendo em vista que acreditamos que a maior parte desses projetos são compostos por uma maioria de indivíduos brancos, os quais não enxergam a si mesmos com o seres racializados, podendo a gerar assim espaços de opressão, abordando as práticas sociais das masculinidades de maneira superficial, sem se aprofundamento em outros recortes sociais.

Para que possa ser feita uma análise elaborada sobre o tema, realizou-se uma pesquisa bibliográfica acerca das temáticas: gênero, masculinidade e raça; utilizando autores como Raewyn Connell, Maria Aparecida Silva Bento, Soraya

Barreto Januário, entre outros. Possibilitando assim que fosse feita uma análise de conteúdo, com base nos estudos de Bardin, a qual estabelece que a descrição do conteúdo não é o foco do pesquisador, mas sim todo o significado seja de “natureza psicológica, sociológica, política ou histórica” (2000, p. 41 apud IKEDA; CHANG, 2005, p. 7).

Por fim, esta monografia é dividida em seis capítulos, primeiramente trabalhando a construção social da masculinidade, para em seguida apresentar como esse sistema é dividido em grupos, e posteriormente é discutido sobre a branquitude dentro dessa prática social. A partir desta construção bibliográfica acerca do tema, é apresentada a metodologia utilizada na realização do trabalho, finalizando com a análise e posteriores considerações finais.

2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE

Para que seja possível entender a construção social da masculinidade, precisamos recorrer aos estudos de gênero, que tiveram início durante a década de 1970, desenvolvendo teorias sobre as diferenciações sexuais (JANUÁRIO, 2016, p. 24), passando a ganhar mais profundidade a partir das críticas sociais estabelecidas, que procuravam ampliar e desconstruir a ideia de uma única vivência possível para as mulheres (FILHO, 2021, p. 69).

Com uma necessidade latente de estabelecer uma definição de gênero, a qual compreendesse mais a fundo as práticas sociais, e desconstruíssem a ideia binominal de masculino e feminino, áreas como as ciências sociais, sociologia, e filosofia (JANUÁRIO, 2016, p.24) desenvolveram estudos que tinham como objetivo desenvolver tal definição.

A partir de Bruschini gênero é:

Princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica. (1998, p.89 apud SOUZA; ALTOMAR; MANFRIN, 2017, p. 3)

Sendo assim, é possível entender como as diferenças biológicas entre os corpos são usadas para estabelecer uma distinção na construção social dos indivíduos. Dessa forma é possível desenvolver estudos mais aprofundados sobre a hierarquia existente entre os gêneros, na qual a construção social do homem está acima da construção da mulher, a partir de valores e significados, criados e transformados socialmente ao longo de anos. Bourdieu corrobora com esse pensamento ao afirmar que o mundo social enxerga as assimetrias anatômicas entre os indivíduos como fator determinante para a diferença social entre os gêneros e a divisão de trabalho (BOURDIEU, 2020). Ou seja, o corpo físico, é construído socialmente a partir de uma visão que os estabelece como sendo elementos importantes(definidores) para ditar a forma como tais indivíduos se comportarão em sociedade, além dos espaços que poderão ocupar.

Outro ponto importante a ser destacado na mesma obra de Bourdieu, é quando ele fala sobre a prática de ideias dominantes pelos dominados:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação, ou, em outros termos, quando seu pensamento e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação de dominação que lhe é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. (BOURDIEU, 2020, p. 30)

O fato de estarmos dentro de uma sociedade construída sobre relações de poder, no âmbito racial, de gênero e classe, faz com que todo o saber tido como verdade absoluta seja decorrente de um processo de dominação, como é afirmado por Foucault (2001 apud JANUÁRIO, 2016, p.26), sendo assim, é importante repensar as formas como os estudos de gênero são produzidos, para que indivíduos pertencentes a grupos oprimidos não perpetuem sobre si mesmos ideias dominantes.

Dessa forma vão surgindo definições cada vez mais aprofundadas sobre o tema, como a tida por Connell em 1997 no seu trabalho “La organización social de la masculinidad” “O gênero é uma prática social que constantemente se refere aos corpos e ao que os corpos fazem, porém não é uma prática social reduzida ao corpo”(p. 35, tradução nossa)¹. Sendo assim, o gênero elabora práticas dentro da nossa sociedade que vão muito além do corpo, influenciando nas nossas relações sociais, organização familiar, divisão sexual de trabalho, e em vários outros campos de nosso convívio. E para que tal prática social aconteça é necessário que ela esteja muito bem estabelecida dentro da sociedade. Foucault contribui para essa discussão ao afirmar (2001 apud JANUÁRIO, 2016, p.25) que o poder é uma prática social construída de acordo com a cultura e o período histórico, mas enfatiza que esse processo não ocorre por meio de um indivíduo apenas, acontece somente se houverem grupos ou instituições que compactuem com determinadas ideias, como a instituição familiar, a qual prega uma divisão entre os gêneros, como é tido por Parker (p.59 apud SILVA, 2000) em que as atividades domésticas ficavam sob

¹ “El género es una práctica social que constantemente se refiere a los cuerpos y a lo que los cuerpos hacen, pero no es una práctica social reducida al cuerpo” (CONNELL, 1997).

obrigação da mulher, enquanto o homem não tinha participação, grupos de amigos, escolas, mídia também promovem um distanciamento de comportamentos tidos como femininos, resultando assim em crises pessoais e problemas para se relacionar com mulheres (CONNEL, 1995, p. 190).

Em seguida, é Butler (1993; 2003) desenvolve uma nova definição sobre gênero, a qual é tida por Braga como:

Para ela, o gênero é a linguagem performada pelo corpo, e é na dimensão performativa da linguagem que nos tornamos mulher, em um movimento que constringe, pois limita as possibilidades de como, e a partir de que atributos, se pode vir a sê-la. (BRAGA, 2019, p. 81)

Porém, Braga é crítica a tal definição tida por Butler, por não contemplar diferenciações raciais na performance de gênero dentro dos corpos, porém Preciado (2011) traz o conceito de “tecnogênero”, que é uma tecnologia biopolítica capaz de analisar determinadas partes dos corpos de maneira visual, discursiva e cirúrgica, em que a racialização dos corpos é tido como um fator importante para o funcionamento de tal tecnologia (Ibid., p. 84 e 85).

Essa última definição, tida por Braga através de Preciado, tem como objetivo combater a ideia do binarismo de gênero, o qual separa os indivíduos apenas entre homens e mulheres de maneira superficial, utilizando apenas características biológicas para estabelecer distinções entre eles, sem promover maiores recortes nesse processo. Maria Lugones também fala sobre como tal processo é violento, pois a binariedade seleciona algumas características para serem utilizadas como padrão:

dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “homem” seleciona os machos burgueses brancos heterossexuais, “negro” seleciona os machos heterossexuais negros, e assim sucessivamente. (LUGONES, 2020)

Porém, para nos aprofundarmos sobre a construção da binaridade de gênero, é importante voltarmos para o período histórico que iniciou o estabelecimento da

superioridade masculina frente ao feminino, pois como é dito por Alambert (2004, apud JANUÁRIO, 2016, p.80) e Muraro apud Lyra (2011, p. 79 apud SOUZA; ALTOMAR; MANFRIN, 2017, p. 4) durante a pré-história as relações entre os indivíduos eram harmonicas, com a existência de famílias matriarcais, poligamia, entre outros ideais que promoviam igualdade entre eles. Sendo a agricultura a principal atividade exercida na época, era compreendido que a mulher possuía habilidades divinas, posto que a partir da sua fecundidade ocorria fertilização do solo (Alambert, 2004 apud JANUÁRIO, 2016, loc.cit.).

No entanto, com o desenvolvimento de técnicas mais elaboradas para a agricultura, como por exemplo o arado, que apesar do uso de animais ainda sim necessitava de um indivíduo para guiar a ferramenta, colaborou para que o homem passasse a dominar e explorar as mulheres como é dito por Saffioti (SAFFIOTI apud JANUÁRIO, 2016, p. 81). Engels (1986, p. 6 apud SOUZA; ALTOMAR; MANFRIN, 2017, p. 4) colabora com este pensamento ao dizer que a partir de técnicas agrícolas mais elaboradas, acompanhado do surgimento da propriedade privada, a qual promoveu o acúmulo de bens do homem, esses elementos impactaram diretamente no desenvolvimento da construção familiar daquele período, a qual se tornou patriarcal, baseando-se na superioridade masculina em prol da submissão feminina e infantil.

Subvertendo valores existentes anteriormente na sociedade, o patriarcado alterou os deveres que se davam em ambientes privados e estavam relacionados com cuidados, atribuindo a estes um caráter feminino, ou seja, o cuidado dos filhos e os deveres de casa passaram a ser atividade exercidas pelas mulheres. Enquanto os homens exerciam atividades em ambientes externos (Ibid, p.4).

Tal sistema promovia a polarização entre homem e mulher, além de criar uma ideia de binariedade dentro da sociedade, a qual o homem era sempre tido como figura exaltada, Bourdieu traz também a forma como as igrejas promoveram o processo de dominação masculina, quando levam o homem ao foco, sendo interpretado em muitos momentos como um ser sagrado, enquanto a mulher está diretamente ligada ao pecado (JANUÁRIO, op. cit., p. 82).

A partir disso foi sendo construída uma masculinidade que constrói sua imagem em oposição ao que é interpretado socialmente como feminino, no entanto, essa é uma visão do senso comum apresentada por Vale de Almeida (2000 apud JANUÁRIO, op.cit., p. 119), que não contempla toda complexidade desse sistema.

A masculinidade pode ser compreendida com um desdobramento da categoria gênero, enquanto espaço simbólico que aponta atitudes, comportamentos, sentimentos, ações a serem seguidas como modelo hegemônico imposto socialmente e culturalmente para referência e afirmação da condição de homem na sociedade burguesa. (SOUZA; ALTOMAR; MANFRIN, 2017, p. 4)

Essa definição complementa melhor as masculinidades, posto que faz referência ao modelo hegemônico, o qual dita o que é esperado pela sociedade de um indivíduo masculino, construindo sua imagem a partir de atitudes e comportamentos que simbolizam, por exemplo, agressividade, força e virilidade.

Connell traz uma definição de masculinidade ainda mais completa que seria “A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (1995, p. 188). Botton explica essa definição ao afirmar que “a configuração de prática” fala sobre as ações concretas dos indivíduos e não do que é esperado dele. A “prática” comenta sobre a racionalidade, intencionalidade e apelo histórico existente dentro da elaboração das masculinidades. Ao falar sobre a “posição dos homens” é comentado sobre as relações sociais, mas também as corporais, sem excluir o fato das práticas sociais estarem ligadas também ao corpo. E por fim, ao abordar a “estrutura das relações de gênero”, compreende “gênero” como uma organização ampla, que abarca família, economia, política, estado, sexualidade (BOTTON, 2007, p. 116).

Sendo por meio dessa definição que Connell conclui a concepção de variadas masculinidades, ao invés de uma experiência única, tendo em vista que diferentes masculinidades são produzidas em um mesmo espaço (op. cit., p. 189).

Butler agrega também a essa área do conhecimento ao trazer outros elementos que estão diretamente ligados a construção dos gêneros, como etnia, raça, classe, orientação sexual, entre outros, reforçando ainda mais a ideia de experiência pluralizada de se vivenciar as masculinidades (JANUÁRIO, 2016, p. 118).

2.1 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES

O longo processo de desenvolvimento das masculinidades passou por diversos momentos dentro da nossa sociedade, Bourdieu cita uma pesquisa feita por Marie-Christine Pouchelle (1983), a qual trazia a visão de um cirurgião do período da idade média, em que a vagina era tida como um falo invertido (apud BOURDIEU, 2020, p. 31), a partir disso é possível perceber a ideia de oposição entre o masculino e o feminino construída juntamente com o surgimento das masculinidades, que passaram a usar o masculino como referencial para diversos elementos. Ainda mais, é importante trazer a construção do modelo de sexo único, utilizado em larga escala no ocidente, que consistia na ideia de que os corpos poderiam ser analisados por uma estrutura única, a masculina, afirmando também que os órgãos de um corpo feminino estavam apenas realocados de maneira diferentes do corpo de um homem, fazendo assim como que elas fossem compreendidas como um “homem imperfeito” (JANUÁRIO, 2016, p. 84).

Para entendermos melhor as masculinidades é preciso tê-las como um processo cultural, forjado socialmente, os quais faz com que os indivíduos tenham experiências masculinas diferentes, apesar de estarem inclusos na mesma sociedade, e não natural, (NIXON, 1996; CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2005 apud JANUÁRIO, op. cit., p. 119). Porém, apesar da existência de experiências únicas entre os homens, é possível estabelecer semelhanças dentro desse processo, Connell em seus estudos identificou a necessidade de analisar as masculinidades a partir de um fenômeno combinado, a partir de fatores que conjuntos, ao invés de tentar separá-los, esses elementos são: gênero, raça e classe (CONNEL, 1997, p. 39). Alguns autores trazem o conceito de interseccionalidade para falar sobre as formas de opressão, como Collins:

Interseccionalidade se refere a formas particulares de opressões em intersecção, por exemplo, intersecções de raça e gênero ou de sexualidade e nação. O paradigma de intersecção nos lembra que a opressão não pode ser reduzida a um tipo fundamental e que opressões trabalham juntas na produção de injustiças (2009, p. 21 apud CONRADO; RIBEIRO, 2017, p. 78)

Sendo utilizada principalmente nas discussões das masculinidades negras, a interseccionalidade permite analisar questões de maneira ampla, englobando

questões sexuais e de classe, que antes eram tidas apenas por uma perspectiva racial.

Mas para que possamos avançar nas discussões, é necessário voltarmos aos conceitos estabelecidos por Connell (1997), a qual separou as masculinidades em quatro padrões: hegemônica, subordinada, cúmplice e marginalizada.

2.1.1 Masculinidade Hegemônica

“O conceito de hegemonia formulado por Gramsci (2005), ao analisar classes sociais, referiu-se à tomada e manutenção de uma posição de liderança de um indivíduo ou grupo” (JANUÁRIO, 2016, p. 120-121) este conceito foi uma das referências teóricas utilizadas por Connell e Messerschmidt para a análise desse grupo hegemônico.

Masculinidade hegemônica foi definida por Connell como sendo:

Uma configuração prática de gênero que agrega a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado. O qual garante (ou é levado a garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 1997, p. 39).

Sendo exaltada, a qualquer momento, uma determinada masculinidade no lugar de outras a depender da cultura.

Além disso, a hegemonia está diretamente associada ao homem branco, heterossexual e rico, posto que esse é o perfil dos indivíduos mais privilegiados dentro desse sistema, promovendo uma hierarquia social em que estão acima não só das mulheres, mas também de homens que estão contidos nas masculinidades marginalizadas e subordinadas, ou seja, homossexuais, negros, pobres, não brancos, entre outros (CONNELL, 2015, apud FILHO, 2021, p. 63).

A socióloga comenta a importância de se terem grupos ou instituições que deem suporte a esses ideais de masculinidade, posto que ele não ocorre a partir de

um único indivíduo, alguns exemplos de instituições são o militarismo, governo, além do mundo empresarial.

Por fim, Connell (2005) também destaca a maleabilidade desse sistema, ao falar que qualquer grupo de homens pode ser desafiado pelas mulheres, e a partir disso seriam geradas novas formas de dominação com o intuito de perpetuar esse sistema, sendo assim, a masculinidade hegemônica deve ser compreendida como uma “relação historicamente móvel” (apud JANUÁRIO, 2016, p. 121).

2.1.2 Masculinidade Subordinada

Em vista do que foi dito, conforme existe um grupo dominante, subentendesse a existência de um grupo subordinado, o qual teve como principal exemplo tido por Connell (1997) a relação de dominação entre homens heteronormativos e homossexuais dentro de culturas europeias e norte-americanas, levando em consideração que a masculinidade hegemônica é constituída de ideais patriarcais, gays e também bissexuais são inferiorizados por possuírem características que são interpretadas como femininas pelo ideal hegemônico social, além de uma sexualidade discordante da hétero, já que se espera que homens desejem mulheres, e não indivíduos do mesmo sexo.

como parte do processo de formação das masculinidades, há a rejeição da homossexualidade e fugir à heteronormatividade também significa ter negado o acesso à “casa dos homens”. Essa dificuldade, socialmente imposta de ser reconhecido enquanto homem e gay ao mesmo tempo, faz com que os homossexuais muitas vezes reconheçam a si mesmos como “não homens”. (FILHO, 2021, p. 64-65).

Connell complementa ainda que homens héteros também fazem parte deste grupo, principalmente pelo fato da hegemonia ser fundada em características difíceis de serem obtidas todas ao mesmo tempo pelo indivíduo. Sofrendo violências de diversas formas através de práticas cotidianas que tem a intenção de diminuí-los,

indo desde exclusão política, econômica e cultural, abusos verbais, físicos, ao assédio moral.

2.1.3 Masculinidade Marginalizada

As masculinidades marginalizadas apresentam majoritariamente um recorte racial, pois, tendo em vista que a masculinidade hegemônica pode ser compreendida como uma hegemonia branca, os negros são os principais indivíduos que sofrem opressões parte desse grupo.

Connell afirmar existir uma relação de autorização entre a masculinidade hegemônica com a marginalizada, para isso, cita o exemplo de atletas negros americanos tidos como hegemônicos, porém, sem ter o seu prestígio e fama refletidos aos homens negros como um todo (1997, p. 42). Esse tipo de relação também pode surgir entre masculinidades subordinadas, onde um grupo possui características dominantes, e a partir disso desautoriza outros.

Outro ponto importante a ser apontado neste tópico são as interseccionalidades, as formas de opressão que são elaboradas de maneira ampla, Collins (2009, p. 100) é citada por Conrado e Ribeiro (2017, p. 79), a qual comenta sobre a hipermasculinidade atribuída aos homens negros, criando um imaginário de indivíduos com grande vigor sexual, sendo assim, uma opressão que perpassa tanto a sexualidade e gênero, mas também a cor.

Bell Hooks é citada, posto que analisa alguns estereótipos existentes na socialização do negro, originários dos séculos XVIII e XIX, incentivando a “exacerbação físico-genital e incompletude intelectual”, elementos esses que são compreendidos como constituintes para a autoafirmação como homem negro, em que para ser identificado dentro de sua comunidade o indivíduo precisa se mostrar como: anti-intelectual, viril e violento (2004 apud CONRADO e RIBEIRO, p. 85 e 86).

A racialização do homem negro é um processo construído visando a marginalização desses indivíduos, pois como é afirmado por Bento (2002, p. 25) o branco é tido como modelo universal de humanidade, sendo invejado por indivíduos não-brancos, os quais são tidos como não humanos. Nkosi (2014) declara que o

processo de racialização faz a sociedade compreender o negro como um “animal”, caracterizando tal indivíduo pela sua força física, virilidade, além de sexualiza-lo, trazendo um posicionamento semelhante ao tido por Hooks (apud FILHO, 2021, p.64).

2.1.4 Masculinidade Cúmplice

São poucos os indivíduos que exercem as masculinidades hegemônicas na sociedade, porém os privilégios são disseminados para vários outros homens, os quais, de maneira consciente ou não, usufruem e defendem tais benefícios, sendo esses os que constituem as masculinidades cúmplices.

As cumplicidades estão focadas nas atitudes, mas majoritariamente na falta delas, posto que a acomodação em relação a sua posição social perante outros grupos, faz com que homens beneficiados pelo patriarcado não se posicionem, promovendo assim a manutenção da dominação masculina, principalmente em relação à mulher. É importante também ressaltar como esses grupos podem ainda sim performar a hegemonia em alguns casos, por exemplo o movimento de gays conservadores no Brasil, os quais têm a crença da família tradicional como base (THOMAZ, 2018), e utilizam de homofobia para oprimir indivíduos que não performem a homossexualidade como esperam, promovendo assim valores que estabelecem a dominação sobre outros grupos.

E como Connell enfatiza na sua definição das masculinidades cúmplices, é necessário se atentar aos comportamentos desses indivíduos, posto que, apesar de o número de homens que exercem a hegemonia masculina serem poucos, a quantidade dos que se beneficiam é enorme (1997, p. 41).

2.2 LUTAS CONTRA A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA MASCULINIDADE: PODER E HEGEMONIA

Combater práticas sociais que estão tão bem empregadas dentro da sociedade não é um movimento de fácil ou rápida execução, precisa ser desenvolvido por meio de diversos aspectos, social, educacional, através de políticas, sendo assim necessário esforços em variadas instâncias.

No entanto, é possível afirmar que a luta contra dominação masculina vem crescendo já desde o século passado com a expansão dos estudos de masculinidades, que apesar de introdutórios durante as décadas de 1950 e 1960, se expandiram principalmente durante a década de 1980 em países anglo-saxões, havendo, inclusive, pesquisas realizadas por estudos gays (BOTTON, 2007, p. 05). Um fato histórico que contribuiu para que valores tradicionais começassem a serem questionados por grupos feministas foi a revolução industrial, a qual demandava uma carga horária laboral muito intensa e exaustiva, promovendo assim o maior número de mulheres no mercado de trabalho, as quais “lutaram pelo seu direito de cidadania, denunciando as múltiplas formas de dominação masculina” (JANUÁRIO, 2016, p. 72).

Para agregar ainda mais homens nas lutas contra a dominação e seu lugar de privilégio na sociedade, é necessário fazer com que eles consigam se enxergar também como vítimas desse sistema, tendo em vista elementos que já foram abordados anteriormente, sendo a performance que as masculinidades hegemônicas impõe aos homens são um grande exemplo disso, pois são forçados a se mostrarem para a sociedade de maneira viril, em pleno vigor físico, ativos e exercendo comportamentos violentos (ZANELLO, 2018 apud FILHO, 2021, p. 61). Em sua obra “A dominação masculina” Bourdieu traz um importante apontamento sobre a forma como a violência simbólica atua:

“ela encontra suas condições de possibilidade (...) no imenso trabalho prévio que é necessário para operar uma transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta; ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação.” (2020, p. 69)

Com isso, o autor afirma que somente por meio um longo processo executado através de gerações, e de práticas sociais ligadas diretamente ao corpo, a qual se dá de maneira minuciosa, a dominação se inscreve na sociedade, sejam homens ou mulheres, se mascarando nesses indivíduos como predisposições de caráter biológico. A posteriori, o filósofo complementa que para encerrar esse ciclo será preciso uma reformulação intensa “nas condições sociais de produção de tendências” (BOURDIEU, 2020, p. 75) em que os dominados não agreguem sobre si mesmos o ponto de vista dos dominantes.

No mundo, os primeiros projetos que visavam a desestruturação da hegemonia masculina, estavam diretamente voltados ao combate a violência de homens contra a mulher, surgindo na década de 1980 em países da Europa, América do Norte e Oceania. Já no Brasil esse movimento começou no final da década de 1990 por meio de ONGs como o Instituto PAPAI, Instituto Promundo, entre outros, que tiveram grande importância no desenvolvimento desses projetos, pois passaram a compreender o homem como parte necessária para o encerramento dos ciclos de violência (PRATES e ANDRADE, 2013, p. 2).

Um instituto destacado por Prates é o ISER (Instituto de Estudos da Religião), o qual realiza trabalhos com as temáticas: religião e espaços públicos, e sistema de justiça e direitos, e que no ano de 2013 iniciou um projeto ativo até hoje, em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social e Prevenção da Violência de Nova Iguaçu (SEMASPV), chamado SerH (Serviço regional de educação e responsabilização para homens autores de violência contra mulheres), em que “grupos reflexivos de gênero, nos quais homens são estimulados a questionar valores e ideias relacionadas aos atos violentos cometidos” (PRATES, 2013, p. 23).

Outro grande projeto, porém extinto hoje em dia, foi o Pró-Mulher e Cidadania de São Paulo, que por meio de uma metodologia própria (baseada em modelo espanhol), aprimorada ao longo de anos, passou a envolver não só a vítima, mas também o agressor em todo o processo de resolução do conflito de violência doméstica, sendo homem ou mulher, tendo em vista que tal alternativa apresentou resultados muito positivos na solução dessa problemática (Ibid., p. 24).

Esses grupos já funcionavam como mecanismo de reeducação de homens autores de violência, ganhando ainda mais espaço, com o desenvolvimento da Lei 11.340 de 2006, conhecida principalmente como Lei Maria da Penha, uma das alternativas propostas para contribuir, em caráter pedagógico, no combate a essas

agressões era o do comparecimento em forma compulsória a esses grupos de homens.

É importante compreender a atuação desses grupos a partir do que foi afirmado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres:

Os grupos para homens autores de violência deverão contribuir para a conscientização dos agressores sobre a violência de gênero como uma violação dos direitos humanos das mulheres e para a responsabilização desses pela violência cometida, por meio da realização de atividades educativas e pedagógicas que tenham por base uma perspectiva de gênero. A ação poderá ainda contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero, a transformação da visão de uma concepção hegemônica de masculinidade e o reconhecimento de novas masculinidades. (BRASIL/SPM, 2008, p. 26 apud PRATES e ANDRADE, 2013, p.7).

Isso mostra como o estado interpreta a problemática de gênero como sendo uma construção social, que precisa ser discutida. Citando o exemplo da cidade de São Caetano do Sul, a qual entre os anos de 2006 a 2008 aplicavam como medida judicial também a participação dos agressores em grupos de discussão de masculinidades, iniciativa essa que coletou dados durante seus dois anos de funcionamento, permitindo analisar a eficácia do projeto, posto que a partir dos 56 participantes houve apenas um caso de reincidência, e outros três abandonaram o grupo (PRATES e ANDRADE, op.cit., p.7).

Sendo assim, os grupos de discussão sobre masculinidades foram se espalhando e popularizando no país, com os homens buscando por iniciativa própria uma maior compreensão e entendimento sobre suas questões. Todo esse movimento foi acontecendo em conjunto com o crescimento sobre as discussões referentes às Masculinidades Tóxicas, que pode ser definida como “uma construção social, que define um conjunto de regras que determinam comportamentos específicos esperados de indivíduos do sexo masculino”(“Os efeitos da masculinidade tóxica na saúde do homem • Summit Saúde”, 2020). Ou seja, tal toxicidade está diretamente ligada à masculinidade hegemônica. Com esses fatores expostos, os grupos de discussão eram buscados visando um espaço para que pudessem falar, externalizar suas questões e problemáticas das quais não são comumente compartilhadas por homens entre si.

No país, além dos institutos já citados anteriormente, temos alguns projetos como o MEMOH, o qual iniciou seus trabalhos com alguns grupos de homens na cidade do Rio de Janeiro, e em poucos anos se expandiu para São Paulo, e hoje em dia espalha a metodologia utilizada para outros grupos ao redor do Brasil. Contando também com o programa de podcast, fazendo com que temas discutidos dentro dos grupos sejam disseminados para ainda mais homens na sociedade. Masculinidade Saudável também é uma outra iniciativa que conta com o palestrante Fabio Manzoli para realizar trabalhos reflexivos com homens através de reuniões feitas de forma remota com participantes de diversas localidades. Por fim, Masculinidade Negra também é outro projeto, que tem como principal ferramenta para discussões referentes a gênero e raça o podcast. Todas essas iniciativas mostram o quanto é necessário falar sobre as masculinidades, mas também revela a abertura que os homens estão tendo na busca de se conhecerem e discutir a sua construção na sociedade.

3 MASCULINIDADE E BRANQUITUDE

É importante começar este capítulo retomando a ideia de interseccionalidade, analisar raça, gênero, classe social, sexualidade de forma separada resulta em um estudo simplificado, pois como é dito por Lugones (2020) “A interseccionalidade revela o que não conseguimos ver quando categorias como gênero e raça são concebidas separadas uma da outra.”. No caso citado, as interseccionalidades foram usadas para comentar sobre a invisibilidade tida ao realizar pesquisas sobre mulheres de categorias raciais variadas, posto que nem todos os recortes estavam sendo incluídos no debate ao analisar gênero e raça.

Dentro das masculinidades também é necessário discutir as opressões existentes através das interseccionalidades, já que vivemos em uma sociedade que estabelece o homem branco como padrão universalizante, o homem negro passa a compôr o grupo dominado dentro deste sistema.

Tendo em vista a compreensão de Schuman sobre a branquitude:

a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos considerados e classificados como brancos foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. (2014, p. 136)

Este sistema, assim como as masculinidades, é construído socialmente de maneira maleável, a qual varia de acordo com o tempo e cultura em que está colocada.

No Brasil, a branquitude é criada e sustentada pela elite branca, para garantir a sua hegemonia dentro da sociedade, além de sustentar até hoje os privilégios obtidos durante a época da escravidão, em decorrência da exploração de outros grupos (BENTO, 2002, p. 7).

A psicóloga Cida Bento cita um extenso processo realizado pelo grupo dominante, o qual tinha como objetivo a marginalização dos negros, mesmo após a abolição da escravidão. Primeiramente a construção do medo sobre o outro, tendo em vista a grande iniciativa social de promover o branqueamento do país no século

XIX, já que o branco, tido como modelo padrão de humanidade, teve receio de perder seu lugar de destaque, com o maior número de negros dentro da sociedade, e assim estabelecer uma população, em sua maioria, não branca. Dessa maneira, a alternativa encontrada pelo Estado, foi a de trazer quase 4 milhões de imigrantes europeus em um período de trinta anos, para que o grupo dominado não obtivesse espaço dentro do mercado de trabalho nem da sociedade brasileira, marginalizando-os de todo o processo de industrialização que ocorria na época, reservando aos negros apenas cadeias e hospitais psiquiátricos. (BENTO, 2002, p. 11 e seg).

Todo esse processo pode ser compreendido através da colonialidade, a qual é definida por Quijano como um sistema de “discursos, práticas e atitudes, que tem como principal objetivo a subalternização dos povos colonizados e a permanência da hegemonia da nação colonizadora” (2005 apud GONÇALVES e RIBEIRO, 2018, p. 4). Sendo dividida em três partes, a colonialidade do poder, do saber e do ser. A primeira se refere a dominação política e territorial, o saber se dá por meio da produção de um conhecimento único e padrão, e por fim, a colonialidade do ser constrói uma imagem dos povos nativos como irracionais, sem cultura, violentos, tidos como não humanos (Ibid., p. 4).

No entanto, a filósofa María Lugones, identificou a necessidade de ampliar os estudos de colonialidade a partir da perspectiva de gênero, posto que a construção dessa temática feita por Aníbal Quijano era baseada em um ponto de vista patriarcal, heterossexual, o qual aceitava a compreensão capitalista, eurocêntrica e global sobre o gênero (2020). Além de fazer críticas diretas ao trabalho de Quijano, afirmando que a:

Ainda que na modernidade eurocêntrica capitalista sejamos todos/as racializados e um gênero nos seja atribuído, nem todos/as somos dominados ou vitimizados por esse processo. O processo é binário, dicotômico e hierárquico. (LUGONES, 2020)

Em outras palavras, recortes de gênero e raça não eram aprofundados dentro dos estudos de colonialidade, pois eram tidos a partir de uma análise baseada na modernidade eurocêntrica capitalista.

Sendo assim, Lugones (2020) estabeleceu a quarta modalidade de colonialidade, que seria a colonialidade de gênero, e dentro dela haveria a interseccionalidade, “afirmando que o sistema colonial de gênero é marcado pela combinação entre raça, gênero, sexualidade e classe.” (apud GONÇALVES e RIBEIRO, 2018, p. 5).

Tendo em vista o que foi dito, é possível compreender como a masculinidade trabalha em conjunto com a branquitude para garantir a hegemonia branca, utilizando mecanismos elaborados para se manter na sociedade.

Sendo o silêncio um dos principais mecanismos utilizados, em seu trabalho, Branqueamento e Branquitude no Brasil, Cida Bento traz a falta de reflexão dos brancos sobre questões raciais, como um forma de promover as discussões somente por negros, reforçando assim as desigualdades entre esses grupos (2002).

Schuman traz o princípio da circularidade ou transitoriedade elaborado por Foucault (1999), para que o poder da branquitude seja entendido como um conjunto de ações e técnicas, conscientes ou não, as quais são exercidas pelos brancos, com o intuito de promover opressões (apud SHUCMAN, 2014, p. 136-137). Em sua pesquisa, a autora afirma que brancos sabem que são privilegiados quando comparados aos não brancos, no entanto, não se enxergam como indivíduos praticantes de atitudes racistas.

Bento traz um questionamento feito por Denise Jodelet (1989) que seria: o que é que faz com que pessoas que cultuam valores democráticos e igualitários aceitem a injustiça que incide sobre aqueles que não são seus pares ou não são como eles? (2002, p.30). A resposta para essa questão se baseia na ideia de pertencimento, tendo em vista que, socialmente procuramos proteger nossos valores e semelhantes, desvalorizando e desumanizando aqueles que pertencem a outros grupos, fazendo com que os dominantes escolham o silêncio em situações de violência aos dominados.

Dessa maneira, é sabido que as masculinidades são experienciadas de maneiras diferentes a partir de recortes de gênero, raça e classe, e são as masculinidades marginais aquelas que mais sofrem as mais diversas formas de opressão e violência dentro da sociedade, constituída majoritariamente por homens negros, é possível afirmar que estes tem a sua masculinidade marcada pela colonialidade, sendo um sistema que construiu a imagem do negro como um indivíduo desumanizado, violento e sem cultura, a masculinidade também

compartilha desses argumentos, as consequências disso são de que outros valores são impostos ao negro, para que ele possa exercer a masculinidade quando comparado a masculinidade hegemônica branca, um exemplo é a hipersexualização desses indivíduos, os quais precisam se mostrar para a sociedade como extremamente viris, além da exacerbação do falocentrismo como padrões de comportamento entre homens negros (HOOKS, 1992 apud CONRADO e RIBEIRO, 2017, p. 83).

Além disso, outra imposição social para o grupo marginalizado é o anti-intelectualismo:

O anti-intelectualismo é um traço estereotipado sobre masculinidade negra que pretende ser uma expressão do racialmente autêntico, bem como um tipo de conduta ideal que valida o homem negro como expressão de uma verdade racial identitária, seja quando este comportamento o localiza como o homem negro visto como signo de uma expressão musical legítima (GILROY, 2001), como sujeito fetichizado em práticas homossexuais (Osmundo PINHO, 2012; 2014) ou como agente ativo de práticas heterossexuais violentas (hooks, 2004, p. 52). (apud CONRADO e RIBEIRO, 2017, p. 86)

Enquanto o negro é construído como um indivíduo que deve buscar ser valorizado a partir de aspectos físicos e atitudes violentas dentro da sociedade, do homem branco se espera uma forte intelectualidade.

Estabelecer esse recorte sobre as masculinidades, as quais são experienciadas de variadas formas não só entre os indivíduos, mas entre si, perpassando recortes de gênero, classe e raça, é de grande importância para as próximas análises que serão feitas.

4 METODOLOGIA

Com base no que foi dito, é possível compreender como a sociedade está imersa em sistema patriarcal, que valoriza indivíduos do sexo masculino, brancos e ricos. Vivendo em um universo em que homens são tidos como padrão em diversos aspectos, além de construir a ideia de dominação desse grupo, enquanto elabora a subordinação de outros, principalmente as mulheres.

Hoje em dia, com os estudos de gênero mais aprofundados, não só em um nível acadêmico, mas com as discussões ganhando mais espaço dentro da sociedade, em mídias como televisão, redes sociais, a temática está cada vez mais acessível, e antes essa questão que era tida pelas mulheres agora é também debatida entre homens.

Apesar do surgimento dos grupos reflexivos para homens ter se dado a partir de iniciativas que trabalham com indivíduos condenados por algum tipo de violência contra a mulher, os quais em sua maioria compareciam, inicialmente, de forma compulsória, tais grupos foram se desenvolvendo ainda mais, ao ponto dos próprios homens buscarem esses projetos de maneira voluntária, procurando discutir o próprio gênero, diferentes formas de se relacionar, paternidade, questões pessoais. Porém, será que os grupos que discutem masculinidades estão elaborando ambientes de debate plurais, ou seriam espaços opressivos, os quais promoveriam a manutenção do privilégio branco?

E com o intuito de analisar a maneira como a branquitude é tratada pelos grupos de discussão de masculinidade, serão examinadas as temáticas abordadas em perfis do Instagram que debatem essa temática.

Para isso foi feita uma pesquisa bibliográfica, a qual inclui diversos autores e estudiosos das áreas de gênero, classe e raça, como Raewyn Connell, Pierre Bourdieu, Maria Aparecida Silva Bento, Lia Schuman, entre outros, proporcionando conhecimento sobre os temas para o posterior desenvolvimento do trabalho.

Por meio da análise de conteúdo, definida por Bardin (2000, p. 42) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (apud IKEDA; CHANG, 2005, p. 6).

Sendo assim, a técnica utilizada permitirá uma análise mais aprofundada sobre os conteúdos publicados, tanto das imagens como das legendas que as complementam.

Sendo assim, foram procurados perfis que discutiam masculinidade por uma perspectiva progressista como vem sendo apresentada neste trabalho, tendo em vista que há inúmeros perfis que tratam desta temática a partir de uma visão conservadora, além disso, buscou-se perfis que envolvessem um número variado de seguidores, ampliando o recorte de análise que acontece dentro desses nichos. Dessa maneira foram selecionados três perfis, dos quais um deles é um homem branco, que produz conteúdo no perfil “Masculinidade Saudável”, possuindo 124 mil seguidores, em seguida há um grupo de quatro homens negros no “Masculinidade Negra” com quase 8 mil seguidores, e por fim, no “MEMOH” é encontrado um espaço diversificado, abrangendo indivíduos LGBTQIA+ de diferentes recortes raciais, seguido por 18 mil perfis. Sendo essas as três páginas escolhidas com o intuito de analisar de maneira ampla como indivíduos de recortes raciais distintos abordam a branquitude dentro das masculinidades.

A curadoria dos conteúdos foi feita durante o mês de dezembro de 2021, iniciando no dia treze e finalizando no dia vinte e sete. É importante esclarecer que os perfis MEMOH e Masculinidade Negra, não possuem uma frequência nas publicações feitas, diferentemente do que acontece em Masculinidade Saudável, o qual chega a ter em alguns meses mais de trinta posts, sendo assim, o recorte dos primeiros perfis têm uma maior amplitude temporal quando comparado ao último, sendo essa é uma consequência da menor quantidade de conteúdos postados.

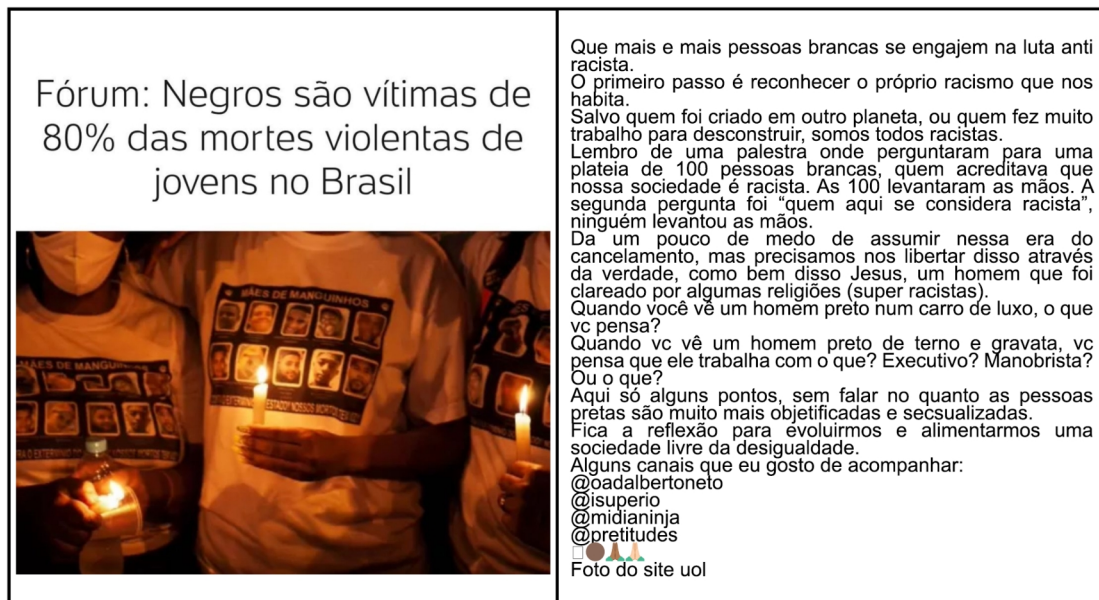
Por fim, para este trabalho buscou-se trazer publicações que abordassem diretamente temáticas raciais, mas chegando a analisar, em alguns casos, a falta de debate sobre o assunto.

5 ANÁLISES

5.1 MASCULINIDADE SAUDÁVEL - CONTEÚDO SELECIONADO

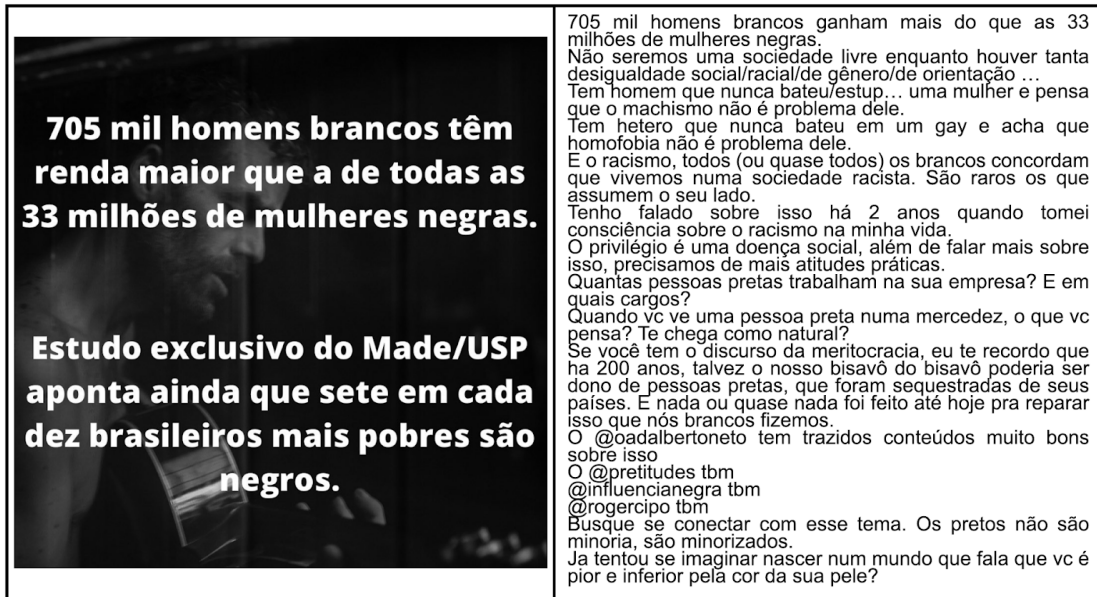
Neste perfil, ao longo de 63 *posts* que foram feitos entre os meses de outubro e dezembro de 2021, foram encontrados duas publicações que comentaram diretamente temáticas raciais.

Figura 1 - *Print* de publicação à esquerda acompanhado da legenda à direita.



Fonte: Instagram @Masculinidade.saudavel no dia 22/10/2021

Figura 2 - *Print* de publicação à esquerda acompanhado da legenda à direita.



Fonte: Instagram @Masculinidade.saudavel no dia 10/12/2021

5.1.1 Análise do conteúdo

O perfil chamado “Masculinidade saudável”, criado e mantido por Fabio Manzoli, tem como principal objetivo discutir a sexualidade masculina, promovendo novas formas dos homens lidarem com os gêneros, em que não focarão na performatividade do indivíduo viril, além de desconstruir a imagem objetificada que o homem é ensinado a ter sobre a mulher, de um ser desumanizado.

Além disso, Manzoli realiza um trabalho com grupos de discussão sobre homens, o qual chama esse processo de “integração”, em que aborda de maneira mais direta uma parcela de indivíduos que procuram discutir sobre masculinidades. No entanto, ele também, em alguns momentos, comenta sobre outras temáticas dentro das masculinidades, como paternidade, abuso sexual, consumo de pornografia, e sobre questões raciais, que são o foco deste trabalho, das quais envolvem branquitude e os privilégios contidos dentro desse sistema.

A primeira postagem selecionada, realizado em 22 de outubro de 2021 (figura 1), traz na imagem dados de uma pesquisa feita recentemente pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), em

que relata o alto índice de jovens negros vítimas de mortes violentas no país. Além disso, na legenda foi feito um texto que se inicia chamando os brancos para que se posicionem dentro da luta antirracista, em seguida comentar sobre a necessidade deste grupo enxergarem a si mesmos como indivíduos racistas, e assim entender melhor esse processo, finalizando com reflexões acerca do tema.

Também motivado a partir de um estudo, a segunda publicação (figura 2) comenta as revelações feitas pela Made/USP (Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades, Universidade de São Paulo), a qual trouxe dados sobre a concentração de renda dentro do país, e a partir deles pôde se identificar uma problemática racial e de gênero. Na legenda Manzoli levanta, novamente, a necessidade do branco em geral estudar questões raciais e a partir disso enxergar a si mesmo como o grupo causador dessa problemática, para que assim possam ser elaboradas soluções.

É importante realizar um questionamento sobre os conteúdos selecionados, tidos a partir de notícias recentes, as quais revelam dados alarmantes sobre a sociedade brasileira: se não houvessem notícias ainda sim a temática racial seria abordada? Ou se teria silêncio?

Bento afirma que a problemática racial é sempre tida como uma problemática do “Outro, o negro, considerado diferente, específico em contraposição ao humano universal, o branco.” (2002, p. 42-43). Dessa maneira, apesar de Manzoli citar em suas postagens a branquitude, ainda sim a discussão construída é feita de maneira superficial, ocorrendo somente quando a temática envolve algum tipo de opressão a um outro grupo, sem discorrer sobre os mecanismos utilizados pela branquitude para perpetuar o racismo, ou elaborar debates sobre formas de desigualdades citadas na legenda da publicação.

Além disso, apesar do recorte de tempo ser menor em relação aos outros perfis analisados, a quantidade de conteúdo publicada na mídia social é maior, porém o debate racial só ocorre quando incitado sobre alguma violência ou opressão a brancos, isso reforça a ideia concebida sobre branquitude, de uma entrevistada de Edith Piza, em que afirmava que ser branco é ter a liberdade de escolher enxergar ou não a própria branquitude; além de ser um sistema o qual o branco não tem consciência (1998 apud BENTO, 2002, p. 43), Schuman corrobora com esse pensamento ao citar Foucault (1999), concebendo a branquitude como uma forma

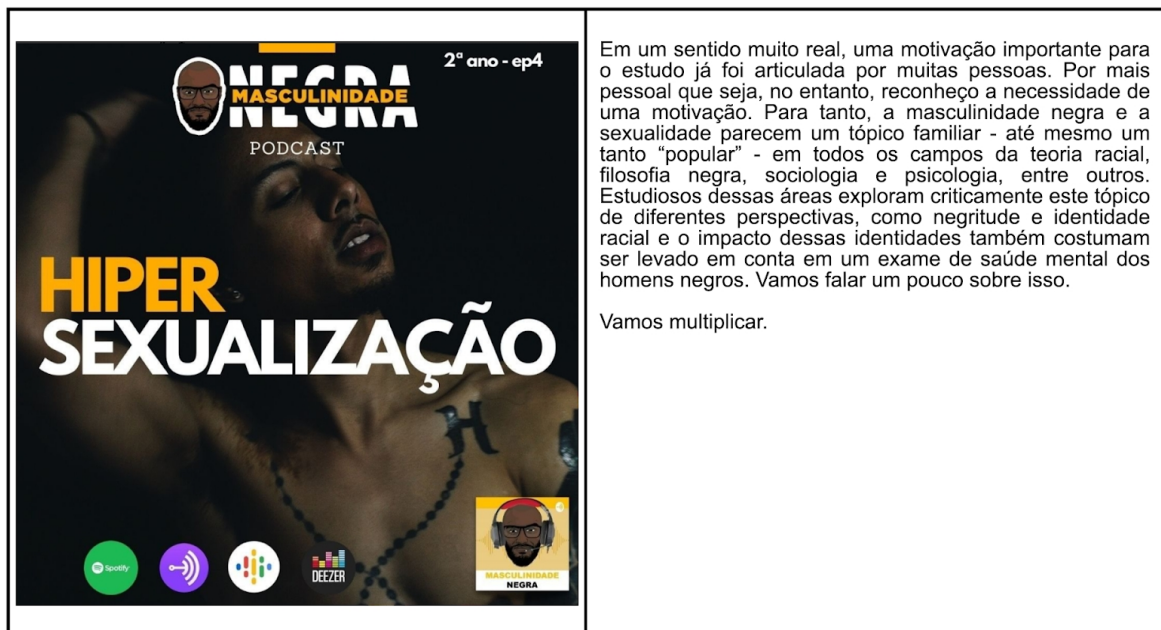
de poder exercida de maneira consciente ou não, a qual tem por objetivo fomentar desigualdade raciais (2014, p. 136-137).

Sendo assim, os conteúdos publicados neste perfil são baseados em ideias construídas por meio da colonialidade, não se aprofundando em questões que não envolvam o homem branco, promovendo discussões incipientes sobre as masculinidades marginais, além de impor, através do silêncio, a discussão dessas problemáticas ao grupo dominado.

5.2 ANÁLISE MASCULINIDADE NEGRA - CONTEÚDO SELECIONADO

Diferente do projeto anterior, o perfil Masculinidade Negra não produz conteúdo de maneira recorrente para as mídias sociais, das 63 publicações existentes entre agosto de 2020 e dezembro de 2021, foram selecionadas três do último ano para análise, visando um recorte temporal semelhante ao perfil anterior.

Figura 3 - *Print* de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.



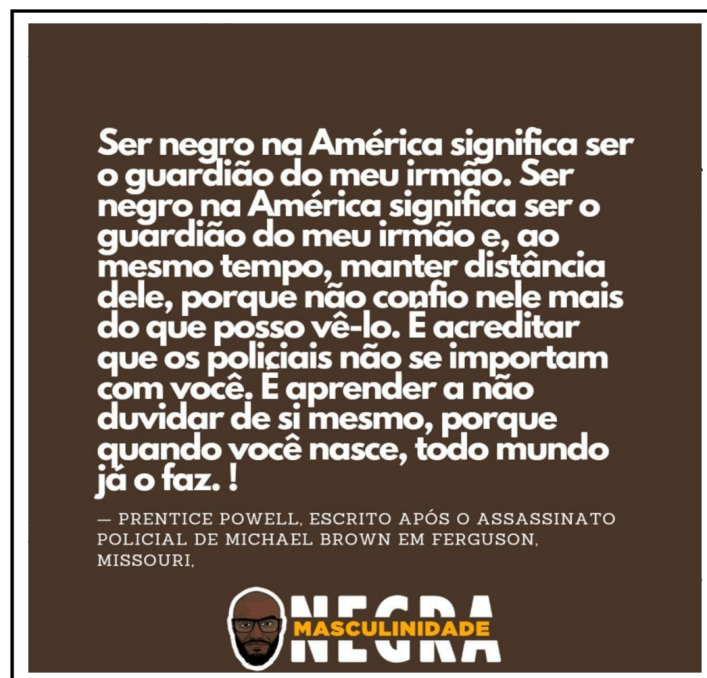
Fonte: (Instagram @Masculinidadenegra no dia 15/05/2021)

Figura 4 - *Print* de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.



Fonte: (Instagram @Masculinidadenegra no dia 22/05/2021)

Figura 5 - *Print* de publicação.



Fonte: (Instagram @Masculinidadenegra no dia 21/12/2021)

Figura 6 - Texto da legenda do post.

Dica pra galera psi por aqui:
 Abordando as normas masculinas: os homens negros são ainda mais propensos do que os brancos a endossar aspectos da ideologia masculina hegemônica, como a necessidade de agir com firmeza e controle e evitar a expressão emocional, constatou a pesquisa. De acordo com Baron K. Rogers, um estudante de doutorado em psicologia na Universidade de Akron, isso é porque eles têm razões adicionais além das dos homens brancos para assumir essas posturas, ou seja, "para evitar pressões sociais e opressão". A ideia de que os fatores raciais se cruzam com as normas de masculinidade doentes também é destacada no livro *Cool Pose: The Dilemmas of Black Manhood in America* (Touchstone, 1993) pelo psicólogo Richard Majors e pela socióloga Janet Mancini Billson. Eles argumentaram que os homens negros urbanos pobres às vezes assumem uma postura de "arrogância indiferente" para se defender contra as duras realidades e o racismo que encontram na vida diária, o que desgasta sua saúde física e mental.
 Na verdade, essas visões internalizadas de masculinidade "tornam muitos homens negros resistentes à terapia e mais propensos a buscar formas informais de tratar sua saúde mental por meio de barbearias, igreja, religião ou conversando com membros da família", disse o psicólogo Erlanger "Earl" Turner, professor assistente da Pepperdine University em Los Angeles. Então, quando um homem negro entra na terapia, "é importante agir com cuidado, pois ele começa a se abrir e compartilhar suas emoções", disse ele, "porque se você insistir para discutir as emoções cedo demais e ele não estiver pronto, ele pode decidir para não voltar."
 Quando os homens negros começam a ganhar um vocabulário emocional mais extenso, isso fornece combustível para os próximos estágios do trabalho terapêutico: lidar com traumas do passado e aprender como se comunicar de forma mais eficaz nos relacionamentos. Eles que estão fazendo progresso quando começam a trazer o que aprenderam para casa - por exemplo, quando começam a se comunicar sobre seus sentimentos, em vez de ficar ruminando ou reagindo com raiva.
 Tratamentos culturalmente competentes levam essas realidades em consideração

Fonte: (Instagram @Masculinidadenegra no dia 21/12/2021)

5.2.1 Análise do conteúdo

Neste perfil a maioria dos temas abordados envolvem raça, principalmente a experiência do homem negro dentro da sociedade, com o objetivo de desconstruir ideias provenientes da masculinidade hegemônica sobre o grupo marginalizado, promovendo uma valorização do negro, reestabelecendo a autoestima que foi ferida ao longo de toda a história do país. Além das discussões propostas no Instagram, existe o podcast que conta com onze episódios em que os diálogos são mais aprofundados.

Inicialmente abordando a hipersexualização do indivíduo negro (figura 3), é importante analisar essa problemática como um processo interseccional, que oprime esse grupo não só por meio do racismo, mas também do sexismo, elaborando a performance da masculinidade negra com base no vigor sexual, além de toda a ideia do falocentrismo em que estão submetidos como é afirmado por Bell Hooks (1992). Nina Rodrigues, em escritos feitos durante a década de 1930, também complementa esse pensamento, ao trazer a construção social brasileira baseada em valores tidos

pela branquitude, que abordavam o racismo e sexismo sofridos pelo negro como um processo dinâmico, existente na sociedade de forma atemporal (CONRADO e RIBEIRO, 2017, *passim*).

Após isso, é debatido como sistemas sociais são desenvolvidos com o objetivo de exclusão dos negros (figura 4), Bento diz que “A exclusão moral pode assumir formas severas, como o genocídio; ou mais brandas, como a discriminação.” (2002, p. 31). No Brasil a colonialidade é um processo presente até os dias de hoje, a partir do domínio político e territorial, da desvalorização de culturas que não sejam a do colonizador, e da desumanização dos nativos, sendo esses processos experienciados até hoje pelos negros, além de todos esses aspectos estarem atrelados também aos gêneros, fazendo com que indivíduos negros sofram opressões em decorrência da interseccionalidade com a raça, classe e gênero. (GONÇALVES e RIBEIRO, 2018, p. 4-5).

Baseando-se na pressão social para se encaixarem em um universo que não os inclui, promove a sua marginalização, hipersexualização dos seus corpos, entre outros tipos de opressão, foi elaborado o último *post* (figuras 5 e 6). Trazendo uma citação feita pelo escritor Prentice Powell, realizada logo após um jovem negro de dezoito anos ser morto por um policial, em Ferguson nos EUA, a qual fala sobre a experiência de ser negro na América, nela é retratada a marginalização desse grupo de maneira poética, quando diz sobre “todo mundo” duvidar do negro, além de citar a necessidade de manter distância de pessoas do mesmo grupo, esse conteúdo se conecta com o texto presente na legenda, ao afirmar que os negros abordam uma postura mais rígida, suprimindo os seus sentimentos, visando corresponder a um ideal de masculinidade hegemônica de maneira intensa, tal atitude, de acordo com Connell, pode resultar em um indivíduo violento, com crises pessoais e dificuldade em se relacionar (1995, p. 190).

O perfil Masculinidade Negra aborda de forma intensa e aprofundada discussões interseccionais, combinando raça e gênero, desenvolvendo essas temáticas enquanto debate também a colonialidade, trazendo masculinidade hegemônica como um sistema que promove violências aos negros, melhor desenvolvendo o debate referente a branquitude e os mecanismos utilizados para se manter na sociedade.

5.3 ANÁLISE MEMOH - CONTEÚDO SELECIONADO

Assim como no projeto anterior, o perfil no Instagram do MEMOH não produz muitos conteúdos para as mídias sociais, dessa forma, as publicações constituem de: divulgação de episódios do podcast, depoimentos de participantes dos grupos de discussão, e, pontualmente, apresentam algum assunto para ser dialogado.

Analisando também 63 posts, dos quais foram feitos entre junho de 2019 e outubro de 2021, apenas três abordaram a temática de raça de maneira direta, não obstante, é importante ressaltar que a busca por representatividade e pluralidade em todo o projeto é evidente, visando discussões que não apresentem apenas perspectivas similares, mas sim mais amplas, com variadas opiniões e pontos de vista, tanto por meio das próprias pessoas que compõem o MEMOH, mas também pelos seus participantes, os quais abrangem pessoas LGBTQIA+ e raças variadas, além de que os grupos de discussão sobre masculinidades realizados pelo projeto tem como objetivo também, tentar simular a realidade brasileira com base nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, com recortes raciais, sexuais, regionais, entre outros semelhantes aos dados obtidos pelo Instituto.

Figura 7 - Print de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.



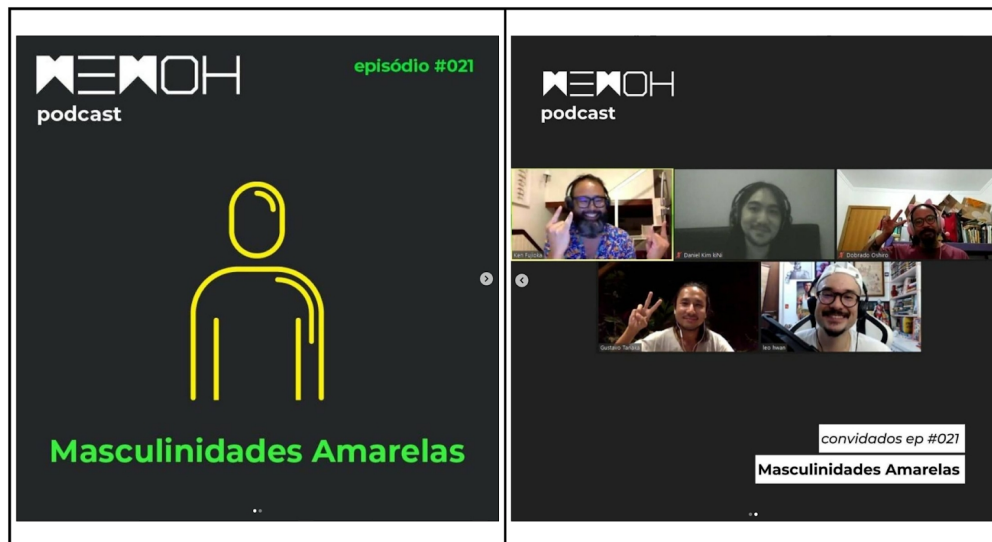
Fonte: (Instagram @projeto.memoh no dia 29/11/2019)

Figura 8 - Print de publicação à esquerda acompanhado do texto da legenda à direita.



Fonte: (Instagram @projeto.memoh no dia 13/11/2020)

Figura 9 - Print de publicação em carrossel



Fonte: (Instagram @projeto.memoh no dia 22/12/2020)

Figura 10 - Texto da legenda do post

NO AR O ÚLTIMO EPISÓDIO DE 2020 DO NOSSO QUERIIIDO PODCAST!

E pra encerrar essa segunda temporada, fizemos um episódio pra falar de um assunto que ainda não é muito abordado dentro do debate de masculinidades: as masculinidades amarelas - as muitas questões de homens descendentes de japoneses, chineses, coreanos, tailandeses e os diversos e variados povos asiáticos. Mesmo ainda pouco falado, traz temas muito importantes pra gente refletir e demonstra a importância de promover o debate sempre pensando em suas múltiplas camadas - aquela história de masculinidadeS, no plural.

Esse episódio contou ainda com uma mudança na condução do papo. Sai Pedro de Figueiredo e entra Ken Fujioka (@kenfujioka), um homem amarelo que também é Caseiro de um dos Grupos Reflexivos do MEMOH.

Ao lado do Ken na mesa estava um time incrível formado por Gustavo Tanaka (@gutanaka), Daniel Kini (@danielkini), Dobrado e Leo Hwan (@leonardohwan). Além das participações mais que especiais de Ana Hikari (@_anahikari), Erik Kuroo (@kuroow), Dani Mattos (@danimatxs) e Alex Tseng (@alextsengoficial).

Link do episódio na nossa bio! :)

Fonte: (Instagram @projeto.memoh no dia 22/12/2020)

5.3.1 Análise do Conteúdo

O MEMOH é um negócio social criado pelo Pedro Figueiredo em 2017 com o propósito de “promover a equidade de gênero fazendo o homem refletir sobre seu modo de agir consigo, com o outro e com a sociedade” (“MEMOH”, [s.d.]), surgiu a partir da identificação de si mesmo como um problema dentro das discussões de gênero, dessa maneira, Pedro tomou a iniciativa de criar um grupo, o qual começou pequeno dentro de sua casa, e em dois anos já possuía seis grupos que aconteciam no Rio e em São Paulo, para em seguida se expandir para todo o país (ROSOLEN, 2020).

Dessa maneira este negócio social se expandiu para diversas partes do país, além dos grupos que foram sendo criados a partir da metodologia elaborada pelo MEMOH, surgiu também o podcast permitindo que um público ainda maior pudesse ser agregado a todas as temáticas discutidas.

Das três postagens escolhidas para este trabalho, duas delas se conectam ao abordarem questões étnico-raciais de maneira objetiva, complementando essas discussões com pautas de gênero e classe.

Sendo “masculinidade negra” como tema abordado em um dos episódios do podcast, a primeira postagem selecionada foi feita como ferramenta de divulgação do programa (figura 7). Na legenda é proposta a discussão abordando temáticas como raça, gênero e sexualidade, com o intuito de analisar esses fatores na construção do indivíduo negro, debate elaborado por diversos estudiosos, entre eles Franz Fanon (1980), o qual realizou uma pesquisa com 500 pessoas brancas, para compreender o preconceito envolvendo os negros, a conclusão mostrou que os brancos enxergam esse grupo como: violento, selvagem, sexo, sanguinário, entre outras; interpretando tais características como sendo naturais, construindo assim um medo biológico desses indivíduos (apud BENTO, 2014, p. 19), sendo essa uma discussão que aborda raça, gênero e sexualidade como é proposto pelo projeto.

É falado também sobre a necessidade de elaborar uma luta conjunta com as feministas negras, assunto recorrente nos trabalhos de Bell Hooks como é citado também por Conrado e Ribeiro (2017), no entanto, o conteúdo publicado não promove discussões acerca do tema, apenas a tangência.

A segunda publicação do perfil foi produzida através da citação de uma fala, feita em um dos episódios do podcast, que tinha como tema “Homens no poder”, introduzindo uma discussão interseccional baseada em gênero e raça, trazendo a necessidade de repensar os locais de privilégios ocupados pelos homens em relação às mulheres, e desenvolvendo também a questão racial, visando a equidade entre os grupos existentes dentro da sociedade.

No último *post* são trazidas as masculinidades amarelas, englobando questões referentes a homens descendentes de povos asiáticos, sendo o único projeto que abordou tal configuração de masculinidade, como nos outros conteúdos, a discussão não foi aprofundada dentro da plataforma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises feitas é possível constatar a carência de um debate mais aprofundado sobre branquitude, principalmente pelo fato dessa construção social utilizar de ferramentas sutis, para funcionar e se perpetuar ao longo de séculos na sociedade.

Em “Masculinidade Saudável” a discussão sobre branquitude é elaborada de forma rasa, apontando problemáticas de gênero e classe, no entanto, sem elaborar sobre o funcionamento dessas questões, sem debater o sistema hegemônico, e as consequências trazidas dentro das relações sociais, as quais promovem a subordinação de diversos grupos.

Já o projeto MEMOH apresenta discussões, apesar de breves, melhores embasadas, fazendo menções a especialistas, como é tido com o sociólogo Tulio Custodio, além de elaborarem conteúdos que buscam a representatividade das diversas formas de masculinidades existentes.

No perfil “Masculinidade Negra” é visível um debate mais aprofundado sobre problemáticas e consequências provenientes da branquitude. Abordando a hipersexualização sofrida pelos negros, além de discutirem a marginalização desse grupo, uma consequência direta desenvolvida pela branquitude, a qual por meio da colonialidade conquista os espaços dos negros. Trazendo referências e pesquisas de outros países para tratar os temas propostos.

Outro fato a ser feita uma reflexão é em relação ao número de seguidores das páginas, já que o perfil que é gerenciado por um homem branco, o qual foi tido como aquele que produz debates superficiais, possui mais de 120 mil seguidores, e apesar de haverem diversos fatores que influenciem este número, como a frequência de conteúdo alimentado dentro da plataforma, ainda sim é uma página que possui um público muito maior do que o perfil do MEMOH e do Masculinidade Negra juntos, posto isso, é possível supor que o diálogo sobre as masculinidades seja realizado de maneira rasa dentro da sociedade no geral.

Sendo assim, é clara a necessidade de aprimorar as discussões referente às masculinidades hegemônicas, trazendo esse assunto de maneira interseccional, já que as formas de opressão desenvolvidas por esse grupo perpassam diversos recortes sociais simultaneamente. Além disso tais discussões não devem ser feitas

de forma pontual, tendo em vista que o silêncio é um dos principais mecanismos que a branquitude utiliza para se manter dentro da sociedade, assim um debate constante e cada vez mais aprofundado se mostra como uma ótima ferramenta para lidar com esse sistema.

REFERÊNCIAS

BOTTON, F. B. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19/20, 30 dez. 2007.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina - a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução: Maria Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRAGA, C. G. **Nada (é) razoável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

CONNEL, R. La organización social de la masculinidad. In: **Masculinidad/es: poder y crisis**. Ediciones de las Mujeres. Tradução: Oirana Jiménez. Santiago, Chile: FLACSO Chile - Isis Internacional, 1997. p. 31–48.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

CONRADO, M.; RIBEIRO, A. A. M. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 73–97, abr. 2017.

FILHO, A. L. A. S. **Em busca do outro masculino grupos de homens no distrito federal**. Brasília: UNB, 2021.

IKEDA, A. A.; CHANG, S. R. DA S. Análise de conteúdo - uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. **Comunicação & Inovação**, v. 6, n. 11, 2005.

JANUÁRIO, S. B. **Masculinidades em (re)construção: Gênero , Corpo e Publicidade**. Covilhã. Portugal: LabCom.IFP, 2016.

LUGONES, M. **Colonialidade e gênero** **Bazar do Tempo**, 17 jul. 2020. Disponível em: <<https://bazardotempo.com.br/colonialidade-e-genero-por-maria-lugones-2/>>. Acesso em: 12 jan. 2022

MEMOH. Disponível em: <<https://memoh.com.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

Os efeitos da masculinidade tóxica na saúde do homem • Summit Saúde. Disponível em: <<https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/os-efeitos-da-masculinidade-toxica-na-saude-do-homem/>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

PRATES, P. L. **A pena que vale a pena: alcances e limites de grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher**. Tese (Doutorado em Ciências)—São Paulo: USP, 2013.

ROSOLEN, D. **O que significa ser homem hoje? O Memoh quer redefinir a masculinidade com conversa, acolhimento e escuta** **Projeto Draft**, 3 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.projetedraft.com/o-memoh-quer-redefinir-a-masculinidade-com-conversa-e-escuta/>>. Acesso em: 13 jan. 2022

SILVA, S. G. DA. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 20, p. 8–15, set. 2000.

SOUZA, M.; ALTOMAR, G.; MANFRIN, S. A construção social da masculinidade. v. 13, n. 13, p. 9, 2017.

THOMAZ, D. **Gays de direita: o que pensam jovens homossexuais conservadores**. Disponível em:

<<https://epoca.globo.com/politica/noticia/2018/06/gays-de-direita.html>>. Acesso em: 8 fev. 2022.